

EDITORIAL

É com satisfação que apresentamos o número 46 da Revista BARBARÓI, edição do primeiro semestre de 2016. A Revista BARBARÓI, vinculada ao Departamento de Ciências Humanas da Universidade de Santa Cruz do Sul (DCH/UNISC), acumula um histórico de comprometimento com a reflexão teórica de temas de interesse nas áreas da filosofia, da psicologia, do serviço social, da antropologia, da ciência política e da sociologia. Tem, nesse sentido, o compromisso e o interesse de publicar a produção teórica atualizada de pesquisadores das ciências humanas e sociais. E o reconhecimento da comunidade acadêmica e científica, resultado da qualidade dos artigos na BARBARÓI publicados, é também certificado em suas avaliações no QUALIS-CAPES: B2 em Psicologia, B2 em Educação, B2 no Interdisciplinar e B1 em Serviço Social.

Seguindo essa tradição de comprometimento com a reflexão de temas atuais e importantes nas ciências sociais e humanas, no presente número são apresentados quatorze artigos.

O artigo que abre o número, *Considerações sobre o Empresariamento da Vida em Políticas Públicas para a Educação*, de Flávia Cristina **Silveira Lemos**, **Dolores Galindo** e **Maria Lívia do Nascimento**, apresenta uma análise do que as autoras denominam “empresariamento da vida no neoliberalismo”, em especial nas políticas de educação, do que decorre uma lógica de mercantilização dos direitos de crianças e adolescentes. Abordando temas como “gestão de riscos”, “sociedade de segurança” e “governo de condutas”, as autoras problematizam a política da educação calcada em pedagogias das competências socioemocionais e de empoderamento empresarial de direitos.

Na sequência, **Carmem Lucia Fornari Diez**, **Simara Bertotto Westphal Marcon** e **Vanice dos Santos**, em *Paideia e a Trajetória da Educação*, analisam a educação como “Paideia”. Paideia, no sentido em que era utilizado na Grécia antiga, era uma proposta de formação humano-intelectual dos cidadãos na busca pela excelência humana. Analisando aspectos históricos do significado de educação na sociedade ocidental, as autoras enfatizam que considerar a Paideia grega como critério orientador para pensar a formação possibilita o despertar da consciência crítica e um olhar para a educação como fator de humanização do ser humano.

Em *O Brincar e a Linguagem: uma interface necessária à clínica psicanalítica*, **Iassana Scariot e Liliane Seide Froemming**, utilizam-se de dois casos clínicos como referências empíricas para defender que o brincar e a linguagem são essenciais na construção de significantes na infância: aos poucos a palavra se destaca do contexto imediato da necessidade de nomear e adquire caráter cada vez mais simbólico e representativo. Para as autoras, ao emprestar significantes a uma criança em atendimento clínico inscreve-se nessa criança o desejo que ela não sofra com seus problemas, mas, antes, saiba conduzi-los e venha a se tornar um sujeito desejante.

Póti Quartiero Gavillon e Cleci Maraschin, em *Políticas Cognitivas e Aprendizagem no Desenvolvimento de um Jogo Locativo*, utilizam o conceito de política cognitiva para demonstrar o aspecto produtivo de realidade das teorias. Através de um jogo locativo que está sendo produzido por um grupo de pesquisa no qual as autoras atuam, o artigo avalia o processo de desenvolvimento do jogo, indicando que as escolhas específicas na forma de criação no jogo produzem resultados congruentes com diferentes concepções de aprendizagem, o que possibilita maior poder de planejamento no design de jogos voltados ao aprendizado.

Em seguida, **Angela Cruz Blauth**, em *O fenômeno da Autocracia dentro do Processo Grupal*, analisa a autocracia operando em sistemas grupais. A autora considera o filme *A Onda*, no qual a experiência autocrata vivenciada na entre professor e alunos mostra-se compatível às teorias grupais psicanalíticas, para explicar como certos tipos de grupo se formam, qual é a característica de seus líderes, quais são as motivações inconscientes que delineiam o funcionamento de um grupo.

Luciane Marques Raupp, Douglas Eliesler e Justen Eliesler Justin, no artigo *Síndrome de Bournout em Professores do Ensino Médio: um estudo qualitativo baseado no modelo biográfico de Kelchtermans*, indicam que a flexibilização e a precarização do trabalho na pós-modernidade contribuem para que se encontre diversos estressores psicossociais no exercício profissional da atividade docente, alguns relacionados à natureza de suas funções, outros relacionados ao contexto institucional e social onde estas são exercidas. Assim, para os autores, muitos professores são submetidos a fatores que podem provocar a Síndrome de Burnout. Síndrome que, no artigo, é analisada a partir de uma pesquisa qualitativa realizada com onze professores que atuam no Ensino Médio em Porto Alegre (Rio Grande do Sul), cujos resultados obtidos apontaram para a presença de significativos níveis de exaustão emocional e baixa realização profissional, duas das três subescalas que caracterizam a Síndrome de Burnout.

Rosana Marques da Silva, Bruna Thays de Limas e Leonardo Santos Pereira, em *Contexto de trabalho e Custo Humano no Trabalho: um estudo com trabalhadores portuários de transporte*, apresentam dados de uma pesquisa realizada sobre saúde do trabalhador, a partir de uma perspectiva da psicodinâmica do trabalho e focando os fatores psicossociais de risco no contexto do trabalho portuário. A pesquisa foi realizada com trabalhadores portuários de transporte de um terminal portuário privado, com a aplicação da Escala de Avaliação do Contexto de Trabalho (EACT) e da Escala de Custo Humano no Trabalho (ECHT), ambas componentes do Inventário sobre Trabalho e Riscos de Adoecimento (ITRA). Os resultados apresentados a partir da EACT apontam para avaliações críticas nos fatores organização do trabalho e condições de trabalho. Já a partir da ECHT, os resultados indicam que o fator custo cognitivo apresentou classificação crítica, sendo que os resultados de todos os itens avaliados se concentram nas avaliações crítica e grave; o custo físico também apresentou avaliação crítica, principalmente nos itens relacionados ao sistema osteomuscular.

Mateus Freitas Barreiro e Alonso Bezerra Carvalho, em *O Sistema Metafísico de Schopenhauer e a Metapsicologia de Freud: encontros e desencontros*, analisam as tramas e tensões entre o surgimento da psicanálise de Freud em contato com a filosofia de Schopenhauer. Os autores assinalam que com a publicação dos escritos psicanalíticos de Freud em sua fase metapsicológica, o psiquismo começou a ser trabalhado por ele sob uma nova perspectiva, rompendo assim com a psicologia clássica de sua época. Por sua vez e, comparativamente, o sistema metafísico adotado por Schopenhauer visava responder às teorizações sobre um princípio básico que rege o universo, independente de uma utilização necessariamente prática. Embora a psicanálise e a filosofia tenham diferentes objetivos, ainda não se conhece com profundidade a contribuição da filosofia na construção da teoria psicanalítica desenvolvida por Freud, principalmente no que tange aos encontros e desencontros que o prefixo meta tem na metafísica preconizada por Schopenhauer e na metapsicologia de Freud.

Pedro Sobrino Laureano, em *Simulacro e Ideia de Platão à psicanálise*, desenvolve a questão acerca da filiação platônica da psicanálise freudiana e lacaniana. Sua análise inicia com o questionamento da imagem de Platão como filósofo dogmático, preocupado com a transcendência da Ideia e desprezando a singularidade sensível. No artigo, o autor procura delinear o espaço da verdade na psicanálise como sendo causado pelo encontro com o que Lacan chamou de real, buscando compreender as relações desse real com o platonismo.

Em *Alteridade e Psicanálise: as modalidades do Outro em Lacan*, **Marcele Teixeira Homrich** apresenta o conceito de alteridade a partir de um diálogo com a psicanálise, mais especificamente com os conceitos apresentados por Jacques Lacan. Para tanto, percorre um trabalho conceitual em torno de modalidade de Outrem em Lacan: pequeno outro, grande outro, objeto pequeno a, o outro do laço social e o heteros. A autora indica que a alteridade não é apenas algo que se põe no outro, mas que emerge no sujeito pelo Outro que nos constitui; a possibilidade de reconhecer o outro como alteridade coloca em potência a dimensão dos desconhecimentos que definem o eu.

Em *O elemento étnico-racial nas ciências psicológicas: versões de uma ciência (im) pura*, **Zuleika Köhler Gonzales** e **Neuza Maria Guareschi** analisam como a psicologia foi concebendo o elemento étnico-racial como seu objeto de estudo, através das publicações feitas nos Arquivos Brasileiros de Psicologia entre 1949 e 1990. Se valendo de estudos de Bruno Latour, Vinciane Despret e Isabelle Stengers, para operar conceitualmente sobre as versões que se estabilizam nas articulações entre ciência, política e sociedade, as autoras delimitam quatro eixos epistemológicos ou formas estabilizadas que compuseram as versões científicas do elemento étnico-racial nas ciências psicológicas: 1. Determinismo biológico; 2. Classificação e medição das ciências naturais; 3. A Psicotécnica dos Atributos da Personalidade, e; 4. Uma Fenomenologia do sujeito cultural; ao final, as autoras apresentam, ainda, as articulações político-científicas que possibilitaram a formação desses eixos que compõem as versões do étnico-racial.

Em *Origens do Fórum Mineiro de Saúde Mental: um estudo sobre as condições de emergência de um movimento social antimanicomial*, **Ronaldo Alves Duarte** analisa as condições de emergência do Fórum Mineiro de Saúde Mental, considerando aspectos políticos, sociais e econômicos ocorridos entre os anos de 1987 e 1994. O autor argumenta que o Fórum Mineiro de Saúde Mental não se manteve isolado nem imune aos efeitos da conjuntura política, social, econômica e cultural do período aqui enfocado; assim, forjado em um processo complexo de aceitação e de resistências, o referido Fórum se materializou em Minas Gerais, pretendendo tornar as aspirações antimanicomiais uma realidade no Estado.

Adrian Alvarez, em *Políticas de Educação Superior no Brasil: expansão ou democratização*, analisa o processo de expansão da educação superior no Brasil, principalmente a partir dos anos 2000. Nessa direção, revisa pontos determinantes e

elementos caracterizadores do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), refletindo sobre o acesso à universidade pública. Para o autor, as análises existentes sobre a referida temática indicam que o processo de reformas para a educação superior implementadas no Brasil, principalmente no âmbito do REUNI está impregnado de objetivos ideológicos, ações e contradições que se estabelecem em relação aos pressupostos teóricos e práticos, apresentando elementos que ao mesmo tempo resultam na reforma do Estado e buscam dar sustentação aos interesses sociais.

Por fim, no artigo *O que faz você feliz? Reflexões sobre a psicologia na sociedade de consumo*, **Marcio Acselrad** e **Josefa Crysleide Rodrigues Lopes** investigam a busca pela felicidade através do consumo nas sociedades contemporâneas, bem como as implicações subjetivas dessa busca. Fundamentando a análise em revisão bibliográfica sobre o tema, em entrevistas realizadas com profissionais da psicologia e na realização de um grupo focal com estudantes de psicologia, os autores analisam como o consumo se apresenta enquanto fonte de prazer, de bem-estar e de felicidade na atualidade.

Ao desejar uma boa leitura para todos e para todas, aproveita-se a oportunidade para convidá-los (as) para que contribuam com a Revista BARBARÓI, enviando seus ensaios e/ou artigos.

Marco André Cadoná
Eduarda da Silveira Borstmann
Editores da BARBARÓI